

O DISTRICTO

PUBLICA-SE A'S TER

Preços: (com estampilha)

Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados

NUMERO 142

TERÇA-FEIRA II DE

AVEIRO

O padecer que pôde expandir-se em queixas sentidas, em phrasas repassadas de saudade, em preces fervorosas, em supplicas christãs! — as lágrimas que correm sem cessar os olhos do que escreve; os soluços que não tolvem as vozes do que falla, — é um padecer abençoado, são lágrimas que aquecem o coração, são soluços que desafrontam a alma!

Mas a do que não tem expansão, que fulmina como o raio, que não tem preces porque é desespero, — as lágrimas que não queimam, mas gelam, os soluços que não aliviam, mas atacam — é o padecer do condemnado pela fatalidade, é a dor que se conserva paralytica nos seios d'alma, que intorpece a intelligencia, que esfria o coração, que suspende a vida!

E' o nosso padecer; é a dor que sentimos!

Morreu José Estevão.

O carvalho frondoso, cujos ramos davam sombra ás caravanas desalentadas, lenha ao infeliz tranzido de frio, leito ao desgraçado sem abrigo e sem cama — arrancou-o o furacão! — desappareceu no pó da terra! O immenso espaço, que abrangiam as suas raizes robustas, é hoje uma cova, a cujas bordas se vêem prostrados os que fulminou a catastrophe!

Morreu José Estevão.

A perda do homem publico, do chefe politico, do orador unico, do tribuno inspirado, do soldado valente, do revolucionario audacioso, do patriota immaculado, do lidador popular, do portuguez primitivo! — sente-a o paiz, ha de pesal-a a historia, ha de avalial-a a posteridade!

Para nós, morreu José Estevão — morreu o amigo, morreu o pae! Pae! porque o era nos extremos que nos dispensava, na affeição que nos tributou, nas bençãos com que nos acolhia, no amor e no respeito que nos inspirava.

Aquelle coração maior que o homem, maior que o seu nome, maior que a raça dos seus contemporaneos! — ali está gelado, contrahido, quieto, sem cor, sem vida!

Guarda-o uma urna de prata. Não o quiz dar á terra aquella que nelle occupou o maior e mais extremado logar, — reserva-o para seu filho, para esse innocente, que hoje brinca descuidado, e que amanhã só conhecerá a perda que soffreu, pela grandeza da herança que lhe ficou!

Aquella mão que se estendia sempre com o mesmo affecto, com a mesma franqueza, com a mesma lealdade para a mão que elle suppunha leal e generosa, sem distinguir o rico do pobre, o fidalgo do plebeu, essa mão está fria e inerte!

Aquella voz que acordava no coração de um povo inteiro os ecos do amor da patria, e da liberdade, extinguiu-se!

Aquelle sorriso aberto onde resplandecia a alegria de uma consciencia sempre limpa, e honrada, e que se reflectia sobre tudo que o cercava, dando vida, prazer e movimento em todos os lugares onde se achava José Estevão, — esse sorriso impallideceu em uma agonia de quarenta horas!

Vida que era de todos, menos delle, viveu-a pedindo graças, favores, mercês, justiça para os que estimava, para os que conhecia, para os que lhe diziam que precisavam! Elle, que elevou até ás cadeiras do governo tantos homens, e que fez estremecer nellas tantos outros com um discurso, com uma palavra, com um gesto! — fazia-se o maior dependente de todos os governos, para conservar a independencia dos seus irmãos pela humanidade, e para engrandecer esta Aveiro, seus entranhados amores, berço de seu pae, e monumento immenso do seu inigualavel patriotismo!

Superior pelo genio, pela alma, e pelo coração a todos que o cercavam, José Estevão parecia como envergonhado d'essa superioridade, e desapparecia e humilhava-se sempre diante da mais humilde pessoa com quem tratava!

Character biblico, nunca elle pensou, nem uma vez só, nas vans grandezas do mundo, e fulminaria com a mais alentada expressão da sua ira o desgraçado, que ousasse trocar-lhe o nome por um titulo, ou que pretendesse associar uma qualquer venera á sua cruz da Torre e Espada ganha no campo da liberdade, e cuja divisa parece ter sido inspirada pela presença do que possuía o mais extremado valor, a mais constante lealdade, e o mais subido merito, que nunca teve nenhum portuguez destas eras!

Que virtudes as d'elle! e que eloquencia e exemplo para as prégar! Sacerdote da liberdade, era tambem o sacerdote do evangelho!

Nascido no tempo do Christo seria o mais

querido dos apóstolos das suas doutrinas; como seria o primeiro cidadão de Roma se nascera no seculo da grande republica!

Morreu José Estevão! Foste roubado de repente á patria, e este desastre incommensuravel, que assombrou os que te estremeciam, foi todavia um acto natural, fatal, necessario e consequente!

Não eras o homem deste tempo, eras o homem do futuro, não podias estar com os que te admiraram, mas que te não comprehendiam!

Tu viste o grande templo, que ajudaste a levantar, estremecer nos alicerces amassados com sangue e ossos de muitas gerações de homens, viste o altar derrocar-se, e sentiste o proprio pulpito, em que pregavas o evangelho da civilização, vacilar debaixo dos teus pés! Assustado, bradaste por teus irmãos, gritaste-lhes para que viessem todos, e se unissem para sustentar a obra tão caro comprada, e que tu vias perder-se.

Não te ouviram! não os acordou a tua voz potente, mas tu não desanimas-te!

Lidador incansavel, preparavas-te para tomar sosinho nas tuas mãos a alavanca que havia de sustentar o edificio! mas nesse momento a morte prostrou-te!

O templo tem de desmoronar-se, o altar de abater-se, o pulpito de sumir-se! Hade cumprir-se o destino, e por isso tu morreste!

Só depois, quando estremecerem as entranhas da terra, quando a chamma abafada apparecer na lava do vulcão, quando o valle for montanha; o templo, que vai cahir no abismo, ha de surgir magestoso á superficie, e a memoria do teu grande nome allumiará os cegos de hoje, e os ecos da tua voz acordarão os adormecidos!

Cumpriste a tua missão, cumpriste-a com abnegação e valentia!

Annuncia-te a idêa nova, encaneceste combatendo por ella contra os deslumbrados, contra os scepticos, e contra essa raça vil! que tem horror a tudo que é novo, que é grande, que é bello!

Debaixo do chuveiro de pedras que os ventos dilhões te arremessavam, preparavas-te para dar ao povo, de que eras o idolo mais querido, os frutos da arvore que elle plantou, mas de que não cuida, e a foice da morte que te ceifou de um golpe, feriu a arvore até ás raizes!

Agora descansa! — O teu tumulo será talvez um logar de romaria para o partido liberal nas horas de angustia.

Lá iremos tambem, e muitas vezes, não pedir alentos, nem confortos para as crenças politicas, mas levar lágrimas, e trazer saudades para o coração vivo da mais extremada affeição, que pode sentir um peito de homem.

Jacinto Augusto de Freitas Oliveira.

Nem a cabeça, nem o coração nos consente tratar do que seja alheio á grande perda que soffremos.

E' nos d'alivio fallar do amigo a quem vivo nunca lisongeamos, prestar homenagem ás suas qualidades de homem e de cidadão, dar á sua memoria testemunhos de gratidão sincera pelos beneficios feitos ao districto, e protestar seguir sempre as suas idéias generosas e liberaes.

Continuamos por isso a abster-nos da politica, e a transcrever o que os jornaes de todas as cores, publicam em relação ao acontecimento que deploramos, e que nunca poderemos esquecer.

Estamos seguros que os nossos assignantes louvarão o nosso proceder dictado tão sómente pela amizade e gratidão.

O sr. ministro do reino, nomeou amanuense da secretaria do reino o sr. Mathes de Magalhães, filho natural do sr. José Estevão.

O sr. Braamcamp levou elle mesmo o decreto da nomeação, á viua do sr. José Estevão querendo com esta delicada cortezia provar-lhe que não esquecia o seu amigo, nem aquelles a quem elle, em vida, amara e protegêra.

O sr. Braamcamp praticou um acto, que todos approvaram, e que nós, amigos sinceros do sr. José Estevão, cordealmente lhe agradecemos.

Ao sr. Mathes de Magalhães não faltam talentos; esperamos, e pedimos-lhe que não se esqueça do que deve á memoria de seu honrado pae, e que faça por servir o seu paiz como elle o serviu.

Cumpriu-se o doloroso dever da ultima despedida! A pedra do tumulo cobriu o cadaver, a

AVEIRO



Preços: (sem estampilha)

Anno, 3,000 réis — Semestre, 1,500 réis — Trimestre, 800 réis.

SEGUNDO ANNO

Repousa em paz, amigo, mestre! A tua herança de patriotismo e devoção ainda haverá quem possa adiar; mas a memoria, que legas á tribuna ficará sobre ella como a de Cicero e Mirabeau, unica, solitaria na sua grandeza, inimitavel nos seus prodigios.

(Jornal do Commercio.)

Do nosso collega o «Doze d'Agosto» copiamos integralmente o seguinte:

NECROLOGIO

Morreu o sr. José Estevão Coelho de Magalhães! Está de luto o partido liberal portuguez!

Não somos os competentes, para tratar da biographia de tão distincto cidadão, e nem, que o foram, seria esta a occasião propria.

Duas palavras apenas. Desculpem-nolas, porque as devemos á nossa consciencia; porque são um tributo devido á memoria do illustre patriota que se finou!

José Estevão Coelho de Magalhães foi o primeiro ornamento da tribuna portugueza: foi mais do que isso, foi o mais sincero apóstolo da liberdade do seu paiz: foi ainda mais do que isso, foi um dos melhores homens da revolução!

José Estevão era homem de crenças sinceras. Amava a liberdade pela humanidade; não cedia o que fosse dos seus principios; mas, era tolerantissimo para com todos os homens, a todos estimava, a todos queria, a todos protegia!

José Estevão Coelho de Magalhães fora um corajoso defensor dos realistas, que elle havia vencido nos campos de batalha!

Da bocca e da penna de José Estevão nunca sahiu uma palavra, proferida ou escripta, contra os seus adversarios vencidos, contra os seus adversarios na desgraça!

A Serra do Pilar attesta, que José Estevão era valente; mas, os seus discursos de vinte e cinco annos, e as obras de toda a sua vida attestam que elle era, tanto ou mais do que valente, homem generoso, compadecido e bom!

José Estevão não era homem de grande lição; mas, de um talento transcendenteissimo.

Não era homem de grande madureza; mas, não o havia de mais espirito.

Não era homem de governo; mas, de grandes e generosas idéias.

Adversario politico, na imprensa, era temivel; na tribuna, era quasi um athleta invencivel!

Como deputado districtal, José Estevão era o primeiro deputado do paiz.

Aveiro, districto natalicio de José Estevão, deve ao inclito varão que se finou, melhoramentos que não conta districto algum do reino!

A José Estevão se deve a estrada da Bairrada a Aveiro.

A José Estevão se deve o magnifico palacio do lyceu de Aveiro, com a sua biblioteca de 4:000 volumes.

A esse vulto portuguez se deve o tocar a estrada de ferro do norte n'aquella cidade; a estrada da Gafanha, os melhoramentos da barra do caes, e a estrada de Albergaria.

A José Estevão deve Aveiro conservar o governo civil, e o bispado.

A José Estevão Coelho de Magalhães deve, enfim, Aveiro todos, ou quasi todos os melhoramentos, que usufrue!

O sr. José Estevão Coelho de Magalhães que dispoz de situações, e teve sempre uma grande influencia no seu paiz, desceu ao tumulo com o nome honroso, que receberá de seus paes, e

Quem como elle, formou-se de idéas audaciosas da phantasia, no arrojo da phrase, no impeto irresistivel da paixão, os repentinos e sublimes arrebatamentos, que, apoderando-se d'elle e dos que o escutavam, suspendiam de seus labios amigos, adversarios e indifferentes?

Que expressão a d'aquelle rosto, em que as feições nobres e varonis, e os relampagos de olhar, completavam o discurso, semblante e aspecto em que os dotes physicos, tão poderosos auxiliares das prendas intellectuales, atrahiam, e dominavam as assembléas imprimindo na fronte radiosa do orador, como privilegiado dos que Deus elegera para manifestarem o poder invencivel das idéas, e rasgarem até aos limiares do porvir as sendas do progresso social!

Soldado do Mindello, ligava-se á geração passada pela recordação dos sacrificios e das proezas; soldado do futuro, pela juvenildade do talento e do espirito, pelo ardor do coração e pela generosidade das aspirações, era o mentor, o companheiro e a esperança das novas gerações. Quem ousaria occupar o logar eminente que deixa vago na tribuna, o posto que elle só defendia melhor do que um exercito, a direcção consentida e acatada, que a auctoridade da sua reputação e o conceito das suas virtudes civicas de dia para dia confirmavam?!

A dor, que entristeceu a todos, assaz o diz. E' uma perda irreparavel. Por que não descargará o braço da Providencia de se alçar irado sobre este paiz, que parece votado a cruel expiação, e não deixará de ferir na cabeça os mais distinctos e estimados de seus filhos? Que mysterios encarará a predestinação funesta, que todos os annos nos cobre de lagrymas a alma?!

Garrett ha pouco ainda, Passos Manoel honrem, José Estevão hoje!...

Cahiui na hora em que era mais necessaria a sua voz. Campeão firme e decidido, sobretudo homem d'esta época e das idéas que ella dicta, a excellencia dos instinctos na chama quasi miraculosa da vocação; e o desinteresse pessoal davam novo e maior relevo ao seu poderoso engenho! Nunca mais o ouviremos! Nos lances supremos, quando a anciedade publica se voltar para aquella cadeira, responder-lhe-ha o silencio e a tristeza. A eloquencia, que trovejava indignada em nome da liberdade, ou em nome da independencia ultrajada, callou-se para sempre.

Com a devida venia extrahimos do nosso collega o «Jornal do Commercio» o seguinte artigo :

JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

«Ha um anno o povo da capital conduzia á ultima morada o cadaver de um soberano, que em curto reinado, soubera ser rei constitucional e benemerito cidadão.

O sr. D. Pedro V, de boa memoria, assim como na vida tivera o respeito e o amor dos portuguezes, na morte teve as lagrimas sinceras, as saudades profundas de todos os seus subditos.

Mas era um rei — era um homem armado de toda a authority, dispensador de graças e de mercês e circumdado de todos os prestígios da soberania.

Hoje o mesmo povo conduziu á funebre mansão o cadaver de um homem do povo, que nunca tivera authority alguma, que não exercera cargo algum, que não podia ter clientes nem dependentes, porque jámais dispoz do poder; e comtudo o povo prestou a este homem as mesmas honras que tributára ao rei popular.

E' que José Estevão tambem foi rei, rei pelo talento, rei pelo entranhado amor á patria e á liberdade — rei emfim, que cingiu uma corôa da qual irradiou muita gloria para a nação.

Assim, o povo que tantas lagrimas verteu pelo soberano, que fôra um seu amigo sincero, hoje chora com igual sentimento o popular que sempre se votou á defeza dos grandes principios da liberdade e á sustentação das garantias constitucionaes.

São duas realzas egualmente respeitaveis; uma herda-se, a outra conquista-se: ambas veneranda, aquella pela consagração da lei e sobretudo pelas virtudes do soberano — esta consagrada pelo bem da humanidade, á qual serve o orador, o ministro, o escriptor ou aquelle, seja quem fôr, que se eleva acima dos outros homens, para fazer o bem, para ser util aos seus irmãos. De José Estevão se pôde dizer o que La Harpe disse de Mirabeau, que nascera dotado de um espirito ardente e forte, de um genio poderoso e flexivel, de uma imaginação vivaz, que não prejudicava a justeza das idéias, de uma actividade de espirito, que parecia devorar todos os objectos, de uma memoria prompta, que os abrangia a todos.

Mas o que ninguem dirá de José Estevão é o que Plutarcho escreveu acerca do grande orador romano — ninguem dirá que José Estevão era accessivel á lisonja e ás louvimilhas, nem que a ambição de honras o acompanhasse até ao fim da vida, desviando-o do direito caminho da razão. — Não, ninguem o dirá do homem publico que foi tão austero, e que deixou um monumento á sua desinteresse e da dedicação com que serviu a patria e a liberdade.

José Estevão, em testamento que fizera ha tempo de mão-morta com sua mulher, ordenou que nunca ella pedisse ou aceitasse para si ou para seus filhos, nenhuma graça ou mercê, fossem quaes fossem as circumstancias em que viesse a achar-se, como recompensa ou memoria dos serviços por elle feitos ao paiz.

Nobre exemplo, e eloquente lição para muitos que tem feito relevantes serviços á nação, pagos com abundantes graças e pingues mercês!

A memoria de tantos e tão relevantes dotes que exornavam o caracter de José Estevão redobram a saudade popular.

Um povo que assim se prostra ante o cadaver do homem que tanto o amou, é um povo generoso, que comprehende tudo quanto é nobre e grande.

Appareça quem saiba exaltar-lhe o espirito e fallar-lhe ao coração com a voz da consciencia e do amor patrio, e este povo emprehenderá os mais altos commettimentos.

Ninguem duvidou jámais da probidade politica de José Estevão, nem da sinceridade das suas crenças. Se tivera só o seu talento oratorio e de escriptor, não subiria tão alto. As virtudes civicas de José Estevão elevaram o seu talento, e lhe deram a verdadeira realza do genio.

Está desejanço a sombra da Cruz o bom amigo d'este povo, e um dos mais illustres filhos de Portugal. Oremos por elle.

Agora, ó povo, não te esqueçam as lagrimas que hoje derranastes junto do feretro do teu amigo. Deputados, jornalistas, escriptores, poetas, artistas, operarios, vós todos populares cuidade de elevar um monumento, que atteste aos vindouros a vossa admiração, o vosso respeito e o vosso amor pela memoria de José Estevão Coelho de Magalhães.

Este foi soldado raso nas fileiras da liberdade, mas não houve outro que o vencesse, nem que fosse mais impavido campeão dos nossos direitos e de todos os principios sociaes e moraes sobre que assenta a liberdade, por isso mesmo é digno da singular distincção, que só do povo pôde receber.

Esperamos que os nossos votos se realizem.

Estevão, um homem do povo, e pediu licença para entrar e orar junto do cadaver do que, segundo elle dizia, era seu amigo.

Foi-lhe concedida a licença pedida; o homem entrou, ajoelhou junto do feretro, curvou a cabeça e orou; as lagrimas corriam-lhe em fio dos olhos. Depois levantou-se, agradeceu á pessoa que lhe dera entrada, o favor que recebera, e retirou-se.

O sr. Braamcamp nomeou um filho natural do sr. José Estevão amanuense da secreteria do reino. Com este não se entende a disposição testamentaria a que acima alludimos; mas o sr. José Estevão tinha-lhe verdadeiro amor paternal, como todos sabem.

Fez-se a autopsia no cadaver do sr. José Estevão, e reconheceu-se que succumbira a uma congestão cerebral.

O sr. José Estevão deixou dois filhos, um legitimo e outro natural: sua esposa ficou grávida de oito mezes.»

CORTES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão em 5 de novembro

(Presidencia do exm.^o conde de Laborim)

O sr. presidente disse, que acabava de saber que tinha fallecido o sr. José Estevão Coelho de Magalhães, cuja perda é lamentavel pelas suas iminentes qualidades. Que sua esposa não tinha participado a esta camara tão infausto acontecimento, sem duvida pelo estado de dor em que se acha, mas não obstante, faz isso sciente para que os dignos pares que queiram acompanhar os restos mortaes do illustre deputado o possam fazer. Que bem desejava poder acompanhá-los neste acto de piedade, mas o estado melindroso de sua saude lh'o não permitia.

Quanto aos trabalhos da camara esta hoje nada tem de que se occupar, mas amanhã haverá sessão. Em seguida dissolveu-se a assemblea.

Eram 3 horas da tarde.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão em 5 de novembro de 1862

Fendo duas horas da tarde occupou a cadeira da presidencia o sr. Cypriano Justino da Costa, como decano da assemblea; e convidou para servirem de secretarios os srs. J. A. da Gama e Menezes Toste, por serem os mais novos.

Feita a chamada, verificou-se estarem presentes 67 srs. deputados.

O sr. Presidente declarou aberta a sessão. Deu-se conta de um officio do sr. Sampaio, participando por ordem da sr.^a D. Rita de Magalhães o fallecimento do sr. deputado José Estevão Coelho de Magalhães, e que se ha de sepultar hoje ás 3 horas da tarde.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos:— Mal pensava eu, quando ha poucos mezes proferi n'esta casa algumas palavras de saudade pelo virtuoso Passos (Manoel), que outra grande calamidade publica havia de cobrir de luto o meu coração! Aquella cadeira (apontando para a que occupou o sr. José Estevão que estava coberta de crepe, e sobre ella uma corôa de perpetuas) diz-nos o que os meus labios cerrados pela convulsão de angustia mal podem proferir. Morreu o primeiro orador portuguez! Desappareceu da scena politica o mais eloquente defensor das liberdades publicas! Falleceu o sr. José Estevão Coelho de Magalhães!... O meu espirito assombrado pela immensidade da perda que o paiz acaba de soffrer não me deixa continuar. Choremos o amigo, honremos a sua memoria e imitemos os seus nobres exemplos amando a liberdade e combatendo a reacção (apoiados.)

Mando para a meza a seguinte proposita (leu).

Creio que a camara toda quererá prestar este ultimo serviço á memoria do nosso honrado amigo, mas parecia-me conveniente nomear-se uma commissão para acompanhar o cadaver.

O sr. Casal Ribeiro:— Constitue-se a camara em commissão.

O Orador:— Parece-me isso mais nobre e mais digno d'ella.

«Leu-se na meza a seguinte»

Proposta

Proponho que se lance na acta que a camara recebeu com o seu profundo sentimento a noticia da morte do primeiro orador portuguez, o sr. José Estevão Coelho de Magalhães.

Sala das sessões, 5 de novembro de 1862. — Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos.»

Estas propostas foram unanimemente approvadas.

O sr. Fontes Pereira de Mello:— Senhores! Eu não pretendo excitar o sentimento da camara, que assás o vejo pintado em todos os semblantes. Tambem não venho aqui como amigo, que procura desabafar a dôr, que lhe opprime o coração, porque não é este o logar proprio á expansão dos affectos particulares. Porém quero, como representante do paiz, prestar homenagem de respeito e de saudade á memoria de José Estevão Coelho de Magalhães, aqui neste recinto, que foi o theatro da sua gloria, e onde tantas vezes ouvimos o som da sua voz poderosa e eloquente vibrando sempre pela patria e pela liberdade.

Senhores! Nestes tempos que correm, quando a ficção substitue a verdade; quando as apparencias mentem tantas vezes aos sentidos; e quan-

do o ourope encobre tantas mediocridades, é justo, é nobre, que no seio da representação nacional honremos a memoria de um homem, que foi grande, não das grandezas que se compram, que se herdão, ou que se outorgam, mas das grandezas que conquistou com o seu talento gigante, collocando-se a si proprio no pedestal, que lhe levantaram os amigos do paiz, cujos interesses elle tantas vezes defendeu, e os amigos da liberdade, que elle ajudou a fundar entre nós.

Nesta casa, de que foram distinctos ornamentos Rodrigo da Fonseca Magalhães, João Baptista de Almeida Garrett e Manoel da Silva Passos, contemplamos agora vasia a cadeira onde se asentava o Demosthenes portuguez. Successivamente a morte nos tem arrebatado os mais prestantes e benemeritos cidadãos. Curvemos a fronte aos decretos da Providencia, e respeitmos os seus mysterios insondaveis. E pois que José Estevão não existe, e que já não podemos ser aquecidos pelo fogo do seu enthusiasmo, e arrebatados pela eloquencia da sua palavra, vamos todos hoje derramar uma lagrima de saudade sobre o seu tumulo, e honremos a memoria daquelle grande homem procurando-nos inspirar nos elevados sentimentos do seu coração generoso, e servindo cada vez mais dedicada e zelosamente a causa do paiz e da liberdade.

O sr. Casal Ribeiro:— N'este dia tristemente solemne, quando a patria acaba de soffrer uma perda irreparavel, as primeiras palavras que se proferem n'esta casa, de qualquer lado que partam, quaesquer que sejam os labios que as pronunciem, não podiam ser, não foram, não são outra cousa senão a expressão de uma magoa imensa, de uma saudade profunda, de uma dôr unanime.

Falta-nos aqui o collega que todos queriam e estimavam, falta ao paiz o homem, que por justos titulos venerava, o orador eloquentissimo, o primeiro vulto da tribuna portugueza, o que por talentos e character honrava o systema representativo, de que era filho, apoio e sustentaculo (apoiados).

Não é este o logar, não chegou a occasião, nem o animo se acha bastante tranquillo, para fazer a apologia de José Estevão Coelho de Magalhães.

Ha n'esta casa um logar vasio, que é difficil, se não impossivel, que venha a ser preenchido (muitos apoiados). E esse logar vasio e coberto de crepe, e os olhos que para elle se voltam, e a dôr que está nos corações, fallam mais alto o melhor do que o podiam fazer as palavras.

Fique ao menos consignado este testemunho universal de respeito e saudade pelo parlamentar illustre, pelo liberal corajoso, pelo grande cidadão. Sirva de exemplo a todos, e de lenitivo a nós que de perto o tratámos e fomos seus amigos, que podemos apreciar a valia d'aquelle coração digno d'aquelle cabeça.

Adherindo á proposta que se mandou para a meza, vou mandar outra ampliando a idéa d'ella, e perpetuando a expressão do sentimento que nos domina. Se a demonstração que proponho não fóra das praticas communs, tambem muito acima do nivel vulgar estava o homem que a mereceu (muitos apoiados).

Não a commento nem a justifico. Mando para a meza a proposta, e conto para ella com o assentimento da camara e com a saueção do povo portuguez (muitos apoiados).

Honrâmos a patria, quando honrâmos os mais illustres e dedicados de seus filhos. Pague-se esta divida a José Estevão. Pague-lh'a a patria, que era o mais fundo e entranhado dos seus affectos.

«E' a seguinte:»

Proposta

A camara dos deputados, sabendo com profunda magoa a morte do seu distinctissimo membro o sr. deputado José Estevão Coelho de Magalhães, e querendo honrar condignamente a memoria dos seus talentos e virtudes, resolve:

1.^o Consignar na acta a expressão do seu sentimento por tão lamentavel perda;

2.^o Abrir uma subscrição nacional, á qual serão convidados a concorrer não só os membros da camara, mas todos os cidadãos que voluntariamente o queiram fazer, a fim de se erigir um monumento funebre á memoria do grande orador;

3.^o Encarregar a meza, podendo esta reunir a si os deputados que julgar conveniente, da execução da resolução precedente;

4.^o Fazer constar estas resoluções á viuva do illustre finado.

Sala das sessões, 5 de novembro de 1862. — Casal Ribeiro.»

«Foi logo unanimemente approvada.»

O sr. Claudio José Nunes:— Dispense-me a camara de fazer commentario algum á proposta que vou mandar para a meza. O commentario já está feito pela palavra eloquente dos cavalheiros que me precederam, e, mais do que tudo, pelo proprio nome do finado e pelo luto que veste aquella cadeira.

«E' a seguinte:»

Proposta

Proponho que a camara dos deputados, para honrar a memoria de um dos mais benemeritos filhos da terra portugueza, o fallecido deputado o sr. José Estevão Coelho de Magalhães, mande lavrar em marmore o busto d'este egregio cidadão, a fim de ser collocado na biblioteca do corpo legislativo.

Camara dos deputados, 5 de novembro de 1862. — Claudio José Nunes.»

«Foi logo unanimemente approvada.»

O sr. Xavier da Silva:— Depois de tantas propostas, como as que têm sido offerecidas, é certamente uma temeridade da minha parte ir

Hontem foi á casa, onde residia o sr. José

apresentar ainda outra; entretanto peço aos meus collegas que a aceitem como uma prova do sentimento de que estou possuído.

A minha proposta é a seguinte:

Proposta

Proponho que por espaço de oito dias se conserve coberta de crepe, como está, a cadeira do fallecido deputado por Aveiro o sr. José Estevão Coelho de Magalhães, que tão dignamente honrou a sua patria e a tribuna potugueza— «Agosto Xavier da Silva.

«Foi logo unanimemente approvada.

O sr. Presidente:— Vou levantar a sessão, por se approximar a hora do prestio fúnebre do sr. José Estevão, de que a camara quer fazer parte. Amanhã continuarão os trabalhos ordinarios.

Está levantada a sessão.

«Eram duas horas e meia da tarde».

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

O Boletim Geral d'Instrução Publica achou semeado de espinhos o terreno para que o convidámos, e declarou-se impotente para o desvariar.

Isto é muito rico, e d'um effeito surpreendente! Escreveu, a principio, todo senhor de si, que podia affiançar o escrupulo do governo na nomeação dos professores; e depois vem dizer-nos seccamente, que não pode chamar ante si taes negocios para os apreciar á luz da critica!!!...

Vejam agora os sábios na escriptura

Que segredos são estes da natura...

Fundados no que dissera o Boletim, esperavam um facho de luz, que, rasgando o caliginoso veu que envolvia o nosso entendimento, nos deixasse perceber, em toda a sua clareza e simplicidade, um objecto que tinha assumido, para gente muito boa, o caracter, e proporções de mysterio. Não aconteceu, porém, assim.

Vimos apenas luzir um fogo fatuo de tão curta duração, que deixou a todos e a tudo na primitiva escuridade!

E, todavia, não era muito o que pediamos. Desejavamos que nos dissesse qual dos exames feitos para a terceira cadeira de Braga fôra melhor, se o do sr. Araujo, se o do sr. Ramos; e, depois, que nos mostrasse como, sem injustiça, se preferira para ali o sr. Araujo, que só mereceu despacho temporario, e preterira o sr. Ramos, que, mais tarde, obteve para Vallega, com o mesmo exame, provimento vitalicio.

Para responder a isto não era mister sair do campo do positivismo. Mas o Boletim não se deu bem ali. Soltando os vãos á sua fecunda imaginação, percorreu desassombrado as aereas regiões do abstracto: ahí, colleccionou factos, adduziu provas, applicou principios, e de todo este luxo e riqueza d'argumentação foi tirando corollarios, que não podem valer á sua causa, pelo simples motivo de serem tão inexactos como as promissas em que assentam. Eis o que vamos provar.

«Não sabemos, diz o Boletim, qual destes oppositores foi o mais graduado pelo jury.» Então... nada feito. Se não sabe, ou não quer saber, não pode destruir as nossas asserções, nem affiançar o escrupulo do governo nas nomeações dos professores. «Mas, continúa o Boletim, pelo resultado que depois observamos é, para nós, incontestavel que os dois antagonistas foram considerados em iguaes circumstancias.» Ora essa!... Então sabe, ou não sabe? Ainda ha pouco não sabia, e agora diz-nos que é para si incontestavel? E para nós também será? — Cremos que não.

Para se dar esta igualdade seria mister que o resultado fosse igual para ambos os concorrentes, porque não concebemos que a mesma causa possa gerar effeitos diversos; mas o resultado foi, sobre desigual, contradictorio:—desigual, porque o sr. Ramos obteve despacho vitalicio, ao passo que o sr. Araujo sómente conseguiu temporario:—contradictorio, porque a superioridade do despacho do sr. Ramos mostra incontestavel superioridade de qualificações, entretanto que a preferencia dada ao sr. Araujo para Braga parece provar o contrario. Mas ainda não é isto o mais galante.

Haviamos dito claramente que não podiamos considerar o resultado do concurso, attenta a sua manifesta contradicção, como legitima consequencia das qualificações dos concorrentes, e, com tudo, foi nesse mesmo resultado que o Boletim se baseou para levar-nos ao infimo d'alma a convicção de que os dois antagonistas foram considerados em iguaes circumstancias! Este modo de argumentar é, realmente, inimitavel...

O Boletim, como já vimos, não sabe qual dos oppositores foi mais graduado, nem o resultado podia dizer-l'ho; mas imagina que as provas foram iguaes, e que não devia ser preferido o sr. Ramos. E porque não devia ser preferido? «Por que, diz elle, seria escandaloso tirar a cadeira a um homem que tinha feito bom serviço.» Ah! temos nós outra!... Então quem tinha feito bom serviço? O Boletim e as suas phantasticas visões dizem que o sr. Araujo: o ministerio do reino, e os factos, e nós diremos bem alto que o sr. Ramos.

O sr. Araujo regia interinamente a cadeira em questão havia seis mezes, quando muito. O Boletim não quiz assim. Disse que a regia temporariamente, que tinha dado boa conta de si durante o seu triennio, e que entre os moradores de Braga era notorio o seu zelo e assiduidade!!! Isto move o riso.

Mas o sr. Ramos não precisa destas creações brilhantes da phantasia: Era effectivamente um professor distincto, regia temporariamente havia trez annos a cadeira de Vallega, e os relatorios de seus trabalhos escolares são, como o disse o proprio Boletim, documentos que lhe dão muita honra. Nestes termos onde vê o Boletim o escandaloso? Em preferir o sr. Ramos para Braga, ou em preterir-o? Ao seu bom senso deixamos a resposta.

Outro rasgo d'imaginação. «E' fóra de dúvida, prosegue o Boletim, que os dois professores se acham habilitados para serem, temporariamente, professores na cidade de Braga, ou, vitaliciamente, providos em qualquer cadeira pertencente a localidade de menos consideração.» E agora esta?!... Pois o Boletim não sabe qual foi mais graduado, e pode assegurar-nos isto?!... Demais: onde acha esta distincção?

No programma para os exames? Na graduação das cadeiras? No vencimento respectivo? Não. Onde o encontram, pois? Que a estabelecesse a respeito de Lisboa, Porto e Funchal, onde são maiores os ordenados, isso de bom grado admitimos: outro tanto não diremos a respeito de Braga, onde tal circumstancia não milita.

Segundo consta ao Boletim, o sr. Araujo foi provido temporariamente, porque não estava em termos de lhe ser confiada em Braga uma cadeira de propriedade. E o sr. Ramos não estaria? O Boletim escrupulou em dizer-tão claramente que não. E então não sentiu doer-lhe a consciencia ao deixar escondida essa ideia por detraz de um montão de palavras? Não reconhece nelle sobeja competencia para exercer o magisterio primario na sua maior amplitude? Não considera, sequer de direito, habilitado para requerer, dada qualquer vacatura, a sua transferencia para Braga, ou para outra idêntica povoação? Estes problemas são bem facéis de resolver.

Por ultimo affirma o Boletim que seria flagrante injustiça se o sr. Araujo não fosse despachado vitalicio para uma povoação menos importante. Que dirá, pois, quando souber que o exame por elle offerecido para Braga foi feito em opposição a uma cadeira de fóra da cidade, e que não obteve para essa localidade o decantado provimento vitalicio?!... Já vê o Boletim que não é possível obscurecer a luz do sol, nem obliterar os vestigios da verdade. O seu edificiosinho, tão lindamente architectado, eil-o ahí estendido por terra por falta de solidos alicerces. Com tão innocente e fina dialectica não podia escapar o dilema de ferro, em que, mesmo a brincar, o tinhamos apertado.

Agora um pedido. Se não quizer deixar esta causa á revelia, nem tiver a franqueza de confessar ingenuamente a verdade,—não queira deixar-nos tanto tempo á espera da sua resposta, que de todo se nos esgota a paciencia.

E não julgue estarmos prevenidos contra o ministerio do reino. Faremos justiça aos seus precedentes, mas não podemos crer, como o Boletim, na sua *impeccabilidade*, nem fechar os olhos para não ver estas e muitas outras incoherencias.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio d'hontem extraimos o seguinte:

Compiègne 1.—Crê-se proximo uma modificação do ministerio dinamarqueuz.

Turin 1.—«Discussione» n'um artigo sobre a questão grega, diz que se ella se arranjar por um convenio diplomatico, a Italia deve tomar parte n'elle conforme o tractado de Paris; que se houver conflicto, a Italia deve estar ao lado da França; que se a Grecia eleger para rei um filho de Victor Manoel, a Italia consultará os da Grecia pensando as condições do politica geral na Europa.

Paris 3.—O ministro de Italia, Nigra, publicou uma carta desmentindo a noticia dada pelo jornal «La France» de ter o gabinete italiano exprimido sentimento a M. Drouyn de Lhuys pela nota do general Durando.

Londres 3.—O governo austriaco declara que não tentará acto algum de intervenção nos negocios da Grecia, se as outras potencias continuarem respeitando o principio de neutralidade.

Berlin 2.—Confirma-se que a viagem de M. de Bismark a Paris tem por fim especial, além de apresentar as suas cartas de despedida ao imperador, o de submeter ao exame de S. M. I. certos projectos para cuja realisação é absolutamente necessario um accordo com os gabinetes de S. Petersburgo e Paris. No caso de se adoptarem os ditos projectos, renunciar-se-hia a o golpe de Estado que se receia, e o governo teria um argumento muito oportuno para provar a necessidade urgente da reorganisação militar, que rejeitou a camara popular.

Turin 2.—Garibaldi continua a melhorar.

Berlin 2.—O ministro M. Bismark voltou a Berlin.

Turin 3.—O rei Victor Manoel dispõe-se a fazer uma viagem á Lombardia.

Acabam de receber-se de Spezzia noticias mais favoraveis acerca da saude de Garibaldi.

Trieste 3.—Os jornaes de Athenas deram a sua completa adhesão ao governo provisorio.

Munich 2.—O rei Othom protesta pelos seus direitos ao throno da Grecia.

O geral Fider, antigo ministro plenipotenciario da corte da Baviera junto do governo grego, foi enviado a Paris e Londres encarregado de uma missão relativa á questão da successão ao throno da Grecia.

NOTICIARIO

Reunião.—Reuniram domingo no lyceu os artistas desta cidade, a fim de deliberarem o modo mais pomposo de fazerem celebrar exequias pelo eterno descanso da alma do seu sempre chorado protector e amigo o sr. José Estevão.

Nomearam uma commissão que ficou composta do presidente—Manuel Simões Amaro—, vogaes, José Maria de Carvalho, Jeronymo Pereira Campos, Guilherme Maria de Sant'Anna, e Luiz dos Santos.

O monumento a José Estevão.—A ideia de erigir um monumento ao principio dos oradores portuguezes foi bem recebida, e ha de realisar-se.

A camara dos deputados nomeou uma grande commissão para tratar do monumento; mas é de crer que outra se nomeie, afim de promover os meios que devem prover inteiramente de uma subscrição popular. Desejamos que a memoria de pedra votada ao eminente orador seja levantada tambem á custa do óbolo do povo, para que seja mais gloriosa e mais digna do eloquente e austero tribuno.

O leal está marcado d'ante-mão. E' no largo do Palacio das Côrtes. Não pôde haver melhor collocação para o monumento de José Estevão.

Não se queira fazer um bonito do monumento, buscando pontos de vista donde se gose, e mil outras nicas, que não vem para o caso, e que até desdizem do caracter rasgado e franco d'aquelle a quem se vota o monumento.

Allí, n'aquelle largo, em frente do edificio, onde tantas vezes soltou a voz dominadora e altisonante, é que fica bem a estatua do orador, cuja memoria se pretende honrar.

(O Jornal do Commercio).

Monumento a José Estevão.—Recebemos da redacção do *Almanach das Cacholetas* 25000 réis, para reunir á subscrição que se promover para erigir um monumento ao grande orador.

(Do mesmo).

Lisboa.—Foram hoje conduzidos ao jazigo da familia Ferreira Pinto, do cemiterio dos Prazeres, restos mortaes de José Estevão Coelho de Magalhães. Ali dorme o somno eterno da morte a voz mais eloquente que nos modernos tempos honrou esta terra. E' difficil, se não impossivel, descrever a magestade do saimento, ainda mais, a saudade que elle revellava. Se a magoa, se a dôr, se as lagrimas podessem imprimir sopro de vida a um cadaver, a cadeira parlamentar de José Estevão já não estava coberta de crepe. Mas não se quebram os decretos da Providencia, e embora mil ais patenteassem ha poucas horas qual o sentimento que dominava millares de cidadãos, nunca mais ouviremos aquelle prodigio da palavra.

Eram quatro horas da tarde quando o prestio fúnebre se poz em marcha de casa do finado. Uma massa enorme e compacta de cidadãos de todas as categorias formava esse prestio. Ministros d'estado effectivos e honorarios, os membros das duas casas do parlamento, altos dignitarios, vereadores, muitos officiaes superiores do exercito e marinha, numerosas deputações do centro promotor, associação dos empregados no commercio e industria, gremio popular, associação typographica, sociedade dos artistas, e de quasi todas as outras associações de Lisboa, muitos estrangeiros distinctos, e o mais luzido concurso de populares, tal era o acompanhamento que conduziu á sepultura os restos inanimados d'aquelle que figurará na historiar contemporanea, como dos mais valentes e esforçados paladinos da liberdade portugueza.

Proximo ao largo do Rato incorporaram ao prestio as creanças recolhidas no asylo de S. João, de que José Estevão fôra o principal instituidor. Foi mais uma recordação saudosa que se juntou a tanta amargura.

Antes do caixão ser depositado no jazigo o sr. ministro da marinha, Mendes Leal, e o sr. Rebello da Silva, em breve mas eloquente quadro, expozeram os dotes politicos, e talentos que por tanto se contavam no illustre finado. Não podia ter melhores apologistas aquella superior intelligencia. Era o genio pagando devida homenagem á realza do talento.

Com a voz entrecortada pelos soluços, debatendo-se com as lagrimas que a saudade do amilhe trazia espontaneas aos olhos, tambem orou o sr. Freitas e Oliveiro e o sr. João Manoel Gonçalves por parte do asylo de S. João.

Com as descargas dadas pelo regimento de infantaria n.º 16, que prestou as horas fúnebres devidas á patente do fallecido, terminou a lugubre cerimonia, eram perto de sete horas da noite.

A morte d'este varão prestante levou a tristeza a todos os homens sinceramente amigos das instituções liberas e do paiz. Se tantos testemunhos o não manifestassem, o que hoje se passou na camara dos srs. deputados ahí estava para o certificar por modo irrecusavel.

Para a leitura da sessão chamamos a attenção dos leitores.

Todos sentem a perda que experimentaram a patria e as liberdades publicas, porque se José Estevão era o ornamento da tribuna portugueza, tambem era o mais firme esteio das franquias constitucionacs.

(Diario de Lisboa)

CORREIO

LISBOA 9 DE NOVEMBRO

Satisfazendo aos vossos desejos, vou dar-vos

conta resumida e veridica dos ultimos momentos de José Estevão.

Tive a triste satisfação de o não abandonar um só momento desde domingo que adoeceu gravemente até quarta feira, que entrou na vala das mortas.

Presenciei tudo, vi tudo; e a verdade é o que vou affirmar com a minha palavra.

Um dia depois de José Estevão ter vindo de Cascaes, onde passou o mez de setembro e parte do de outubro, recolheu a casa queixandose de uma forte constipação e de um frio intensissimo que o estremeia a ponto que mordêra a lingua.

Deitou-se, tomou um chá de borragens e veio-lhe uma febre fortissima que produziu algum delirio, o que em José Estevão não era raro logo que tinha febre.

No dia seguinte pela manhã foi chamado o dr. Marcelino Craveiro, medico e um dos amigos mais dedicados da familia de José Estevão—Um pouco surprehendido de uma febre tão subita e tão intensa indicou o uso de um purgante.

A febre declinou pelo dia adiante e no dia seguinte José Estevão appareceu perfeitamente bom, só com a face um pouco inchada do lado esquerdo.—Este restabelecimento repentino não escapou ao dr. Marcelino, mas quaesquer apprehensões que tivesse, desvaneceram-se completamente em presenca do bello estado do doente, da sua habitual jovialidade e da ausencia da mais leve queixa, o que nelle era indicio da mais exuberante saude.

Pela tarde deste dia estando José Estevão com sua esposa, comigo e com mais dois amigos entrou o facultativo Camara, collega e amigo dos leaes de José Estevão; perguntou-lhe como estava e reparando na inchação da face quiz saber o que era—José Estevão respondeu-lhe que provavelmente seria a consequencia de uma dôr de dentes que tivera—Camara quiz examinar a bocca, viu um abscesso na gengiva e lancetou-o immediatamente.

A inchação desapareceu no mesmo instante e José Estevão, que desde logo attribuiu a grande febre que tivera ao abscesso, começou a discorrer sobre o caso com aquella graça que era só d'elle e contou a proposito varias anadoclas que me fizeram rir immenso e aos que o ouviam.

O resto da noite passou-se n'aquella algria e bom humor, que reinava em todos os serões de casa de José Estevão, sempre que elle estava presente.

Como o dia seguinte apparecesse chovoso e humido, José Estevão não sabia — De manhã dictou muitas cartas e a tarde, e a noite passou-a sem o mais leve incommodo, conversando e rindo com os amigos que o acompanhavam.

No sabbado levantou-se ás horas do costume e como era dia santo, acompanhou a sr.ª D. Rita á missa do meio dia em Jesus e d'ahi foi visitar seu irmão á travessa do Pombal, e ainda que pelo caminho se queixasse alguma coisa da perna esquerda, todavia chegou a casa em boa disposição, só sim se conhecia que o impressionara muito a visita que fizera a Antonio Augusto pelo estado grave da molestia em que o achou.

Passou a tarde triste e sempre queixoso da perna. Jantou com pouco appetite.

Ao principio da noite a dôr da perna teve alternativas de maior e menor intensidade. O facultativo Tory do Porto, que tinha jantado com José Estevão, recebeu-lhe uma fomentação de lenimento de sabão com opio, o que o dr. Marcelino, que veio á noite, approvou e accrescentou, que se a dôr ainda assim não passasse que se pozessem papas no local affectado.

José Estevão passou essa noite agitado e não podendo conservar-se no seu quarto mandou fazer uma cama em baixo no escriptorio onde se deitou, sem que todavia podesse conciliar um só instante o somno, por isso que a dôr crescia de intensidade.

Pela madrugada de domingo mandou immediatamente chamar o dr. Marcelino e como este tardasse alguma coisa mandou chamar o dr. Thomaz de Carvalho.

Chegou primeiro o dr. Marcelino, que aconselhou um banho morno, que lhe parecia dever acalmar bastante a dôr para que o doente podesse repousar algumas horas da insomnia e agitação da noite anterior, mas que se ainda assim a dôr não passasse que se deitassem sanguessugas.

Saliu o dr. Marcelino e pouco depois, quando se preparava o banho que José Estevão devia tomar entrou o dr. Thomaz de Carvalho, que approvou a indicação do collega e do amigo, e para maior certeza de que tudo se fazia como fora indicado, demorou-se, assistiu ao banho, e elle mesmo graduou a temperatura; e durante 70 minutos que José Estevão esteve mergulhado na tina coberto para evitar resfriamentos pouco se queixou elle do calor do banho e por vezes até procurou conciliar o somno cuja falta era um dos seus maiores soffimentos.

Depois do banho aconselhou ainda o dr. Thomaz de Carvalho uma fricção na parte queixosa, que foi feita immediatamente pelo bom e dedicado Antonio, mas que infelizmente não alliviou o doente, como o não tinha alliviado o banho.

Nessa occasião entrou a sr.ª D. Rita no quarto, e ainda que José Estevão tivesse a testa de um vermelho um pouco carregado, todavia não tinha a mais leve dôr de cabeça; estava em juizo perfeito, movia todos os membros, fallava correctamente; tinha febre e continuava a queixar-se de nevralgia sciatica, molestia a que até então só se havia unicamente attendido.

Era meio dia, quando o dr. Thomaz de Carvalho, examinando a lingua de José Estevão, o encontrando-a branca, espessa e carregada, indi-

com um purgante de magnesia calcinada, que foi tomado estando ainda presente o mesmo dr.

A's duas horas entrei eu — José Estevão parecia estar repousando. A sr. D. Rita estava só no escriptorio contiguo ao quarto do doente, e quando me informava do estado d'elle, fallou José Estevão. Entramos no quarto — José Estevão conheceu-me logo e disse — Rita, Freitas, quem fazer curso de pathologia no meu corpo? Depois estendendo-me uma das mãos e levando a outra á cabeça disse-me — agora já não sei se não estar doente; e voltando-se para sua esposa disse-lhe — ai Rita, vais ficar sem o teu marido.

Como a respiração estava muito oprimida e elle tivesse difficuldade em fallar, perguntei-lhe se queria humedecer a bocca, disse-me que queria limonada. A sr. D. Rita deu-l'ha, e José Estevão ficou adormecido.

A neuralgia tinha desaparecido e o purgante produziu longo effeito.

A's quatro horas entrou o Luiz Teixeira de Sampaio e o dr. Marcelino — A febre continuava — a lingua nem levemente limpou, e o ventre estava muito elevado.

O dr. Marcelino disse-nos, que era bastante grave o estado do doente, e recebeu não sei o que, para que os gazes podessem ser expellidos.

Sahiu e disse que viria ás oito horas, mas não deu o mais leve signal de desesperar da cura.

Como José Estevão parecesse conciliar o somno sahimos todos do quarto, e eu fui a minha casa.

A noite quando voltei soube que tinha estado ás cinco horas o dr. Thomaz de Carvalho, que examinara o doente e vendo que a febre continuava intensissima sem nenhuma especie de remissão, parece que conchegara tristes apprehensões, porque diante da sr. D. Rita e do Luiz Sampaio propoz que fosse ouvido o conselho do dr. Barral, ao que José Estevão, que tinha escutado tudo, respondeu — Então já precisas de contra mestre ao leme? —

O dr. Thomaz de Carvalho tranquilizou-o e insistiu em que fosse chamado o dr. Barral.

Mais tarde voltou o dr. Marcelino, que não só concordou em que fosse ouvido o conselho do dr. Barral, mas exigiu que se convocasse uma junta.

A noite passou-se na expectativa, o doente estava socegado, dormia, só a respiração era um pouco difficullosa.

A uma hora fui para casa e ficaram velando á cabeceira de José Estevão, sua extremosa esposa, e amigo Luiz Sampaio e o sempre dedicado Antonio.

Na segunda feira ás 7 horas da manhã fui ver José Estevão. O Luiz Sampaio tinha sahido para mandar chamar o dr. Barral, estava só a sr. D. Rita no escriptorio. Entrei com ella no quarto do doente e encontrei-lhe o ventre cada vez mais elevado e a respiração muitissimo difficullosa; e era este de todos os signaes visiveis da molestia o unico que assustava as pessoas estranhas á sciencia, e o primeiro que feriu tristemente o coração da esposa de José Estevão.

Elle conheceu-me logo e pediu-me limonada. A sr. D. Rita preparou-l'ha e eu dei-l'ha — Bebeu a sem difficuldade.

Instei com aquella excellente e respeitavel senhora para que fosse repousar alguns instantes, por isso que no seu estado podia ser temeridade a sua dedicacão. S. ex.^a não quiz descançar um só momento, mas aproveitou a minha presença alli para subir ao seu quarto.

Fiquei só com José Estevão. Pensando que o que a elle mais conhinha era o maior socego; sentei-me ao pé da sua cama e conservei-me calado. Estaria assim talvez um quarto de hora, quando elle tocando-me levemente na mão que eu tinha sobre a cama me disse — Está isto acabando! — cedo! — Ia responder-lhe mas fez-me um gesto para que me callasse, indicando-me que lhe doia a cabeça.

A's 9 1/2 para as 10 veio o facultativo Torres — José Estevão conheceu-o e respondeu-lhe que estava bom, quando e'le lhe perguntou como tinha passado — Com quanto a phisionomia do Torres não indicasse nenhuma apprehensão triste, todavia senti um estremecimento tal quando o vi olhar para José Estevão, que me escondi com as cortinas do leito, para que o doente me não visse chorar.

O Torres perguntou-me se não tinham mandado sangrar, nem deitar sanguessugas, respondi-lhe que não, — elle calou-se e sentou-se em uma cadeira junto da janella.

Passado pouco tempo voltou a sr. D. Rita e em seguida logo o dr. Marcelino, que esteve muito tempo observando José Estevão — Tomou-lhe o pulso com o relógio na mão, apalpou-lhe o ventre e o estomago e pediu-lhe para mostrar a lingua, o que José Estevão fez já com alguma difficuldade — perguntou-lhe o medico como estava e elle respondeu — estou bom.

Ora o dr. Marcelino era naquella occasião mais o amigo do que o medico, e por maior que fossem os esforços, que fez para conservar a impassibilidade no rosto, não pôde esconder completamente a sua afflicção reconhecendo talvez já, que todos os recursos da sciencia eram inuteis para salvar José Estevão, — que eu não notasse uma certa mudança nas suas feições, e perguntando-lhe sem que a sr. D. Rita nos ouvisse o que lhe parecia, ouvi pela primeira vez a palavra fatal — é uma pernicioso!

Desde então para mim a vida de José Estevão estava perdida.

A's tres horas começaram a chegar muitas pessoas que vinham informar-se do estado do doente. Entre ellas o facultativo Rodrigues Camara, dr. Lisboa e dr. Pitta, que entraram no

quarto e viram José Estevão. Na cara de todos elles, li eu a sentença fatal, que me roubou d'ali a poucas horas o meu unico e verdadeiro amigo.

A junta que devia reunir-se ás 4 horas não compareceu senão depois das 6.

Neste intervallo entrou a sr. D. Camilla esposa do nosso amigo Antonio Augusto que vinha da cabeceira do leito do seu marido infirmo para a cabeceira do de seu cunhado moribundo — Que grande alma aquella! — Caracter retemperado na adversidade, e no meio da desgraça, que as suas feições se pronunciam, é ali o campo da sua heroicidade. É uma mulher antiga — Com o coração roto em feridas profundas, sem uma queixa, sem uma lagrima para os seus pezaros, ella ainda encontrou balsamo para as maguas dos outros nas suas palavras de resignação e affecto; e de-de que entrou até que José Estevão deixou de existir, e que ella voltou para o lado de Antonio Augusto foi sublime d'esforços, de coragem, de resignação e de dôr!

A's 6 e meia da noite reuniu-se a junta a que dr. Marcelino me pediu que assistisse.

Faziam parte da junta os dr. Barral, Bernardino, Barbier, Lisboa, Thomaz de Carvalho, Marcelino e os facultativos Camara, Torres e Barboza, os mais notaveis e eminentes medicos desta cidade. Todos á excepção do dr. Lisboa e de Camara, que se pronunciaram porque a molestia era uma congestão, declararam que José Estevão tinha uma febre pernicioso das mais graves, e que se a reacção não viesse com a applicação da medicina indicada pelo dr. Marcelino e que todos approvaram, o doente estava perdido.

Por esta occasião expoz o dr. Thomaz de Carvalho todo o andamento da molestia desde que José Estevão tomara o banho até á ultima visita que lhe fizera, e nenhum dos medicos presentes attribuiu ao banho a existencia da pernicioso, devendo attribuir-se o desgraçado e absurdo boato que a este respeito correu a um dito de José Estevão em uma occasião que o Antonio lhe dava um caldo e em que elle exclamou — O banho matou-me!

Acabada a conferencia voltei para baixo — O pateo da casa e os corredores vizinhos da porta estavam apinhados de pessoas de todas as classes da sociedade que esperavam com a mais triste ansiedade o resultado da conferencia que os fulminou a todos.

Desde então até ao momento em que José Estevão expirou não deixei a cabeceira do seu leito. Ali vi prestarem com a mais dedicacão com o mais extremado carinho e com o amor mais paternal todos os cuidados do mais habil enfermeiro e da mais santa irmã de caridade — a ex.^{ma} sr. D. Camilla, esposa do Antonio Augusto, a ex.^{ma} sr. D. Adelaide, esposa de Luiz Sampaio, o dr. Marcelino que foi inexcusable, o dr. Deslandes, o Marquez de Niza, o Torres, o José Marques, o Raposo d'Aveiro e o Mesquita, o Anselmo Ferreira Pinto, o Francisco Avellar, o Oliveira irmão de D. Camilla, o Thyago Horta, o Manoel Homem de Noronha e Luiz Sampaio.

José Estevão conhecia todos, mas não podia fallar. Teve sensibilidade até ao ultimo momento e moveu todos os membros; os causticos, as ventosas, os ferros quentes e todos os outros martyrios sentiu-os a pobre victima sem outra queixa senão a palavra basta distinctamente pronunciada, quando lhe applicaram um ferro quente sobre as feridas das ventosas.

O Marquez de Niza e eu ouvimos pronunciar duas vezes a José Estevão a palavra padre, e nessa occasião effectivamente se mandou chamar um padre que angui o doente.

Muitas senhoras que cercavam a ex.^{ma} sr. D. Rita poderam conseguir que ella se retirasse ao seu quarto, e assim se evitou que presenciasse o momento da morte de seu esposo.

A meia hora depois da meia noite, estando no quarto o Anselmo Ferreira Pinto, o Avellar, o Deslandes, o Luiz Sampaio, e eu, exalou José Estevão um gemido fraco, e com elle a vida.

Ficou como adormecido, os olhos nm pouco encovados, e aquelle seu sorriso nos labios. Abragado a elle, beijando-lhe as mãos e as faces, não podia crer que abraçava um cadaver — para mim era ainda o José Estevão vivo.

Com a triste noticia foram dispersando os centenaes de pessoas, que esperavam á porta a sentença de Deus. Só o ministro do reino e o Sant'Anna e Vasconcellos entraram para o quarto de José Estevão, e ali se conservaram muito tempo, ora contemplando, ora beijando o cadaver do seu amigo. Depois retiraram-se; e mais tarde, pela madrugada, foram-se tambem o Marquez de Niza, o Deslandes, o Anselmo Ferreira Pinto, o José Marques, o Raposo e Torres; ficando ainda junto ao cadaver o dr. Marcelino, o Luiz Sampaio, e sua esposa, o Mesquita, e eu.

Só na terça-feira ás 11 horas da manhã pôde o Luiz Sampaio convencer a sr. D. Rita de que estava viuva. — Nem se quer tentarei descrever-lhes este momento — imaginem-n'o se podem.

A's 11 e meia veio o regedor e o escrivão, e abriu-se o testamento. Era um testamento de mão commum, que a sr. D. Rita conseguira a muito custo obrigar a fazer a José Estevão, porque pertendeu sempre que ella legasse todos os bens á Misericordia d'Aveiro.

Não havia disposicão nenhuma particular senão a de José Estevão, que declarou que se morresse sem filhos, deixava a sua parte ao Matheus, e ás filhas, e filho do Antonio Augusto, para se dividir igualmente por todos, ou para se distribuir segundo os merecimentos de cada um, de que só sua esposa seria a competente para avaliar.

O infeliz Matheus, que, como sabem, esteve

na casa de saude, só á uma hora de terça feira soube da morte de seu pae, correu immediatamente á casa onde está, em um estado de consternação, impossivel de descrever.

A sr. D. Rita não consentiu, que se fizesse autopsia como a principio houve tenção. Só depois de 28 horas se pôde abrir o peito ao cadaver, por ordem d'ella, e extrahiu-se-lhe o coração. É enorme, estava em relação com o coração moral. Havia o principio de uma lesão na parte superior. O enterro foi na quinta feira ás 3 horas da tarde.

A saida de casa o caixão era levado pelos ministros da marinha, guerra e fazenda, pelo Marquez de Niza, Castilho, e pelo artista Antonio Nunes.

Atraz caminhava o ministro do reino com a chave, que o barão de Villa Nova de Fozcoá recusára por estar extremamente sensibilizado; seguiam os amigos intimos de José Estevão entre os quaes ia o nosso Mesquita suffocado em lagrimas. No largo da patriarchal, aonde estavam os coches esperando o corpo, alguns homens do povo dirigiram-se aos ministros e um d'elles disse-lhe — até aqui V. Ex.^{ma}, agora nós os do povo de quem elle foi o mais leal amigo e o mais valente defensor, — e em continente tomaram conta do caixão revosando-se amudadas vezes até ao cemiterio dos Prazeres, porque todos queriam participar da honra de levar um bocado nas suas mãos o corpo do grande cidadão.

Chegado ao cemiterio, depois de uma breve oração na ermida, o cadaver foi conduzido pelos ministros, pelo Marquez de Niza e pelo chefe de esquadra Soares Franco até ao jazigo da familia Ferreira Pinto. Coincidencia notavel! Quando José Estevão chegou a Lisboa foi hospedado em casa do sr. José Ferreira Pinto e foram todos os membros d'aquella respeitavel familia que esperavam o cadaver de José Estevão, junto da porta do seu jazigo para lhe darem ainda a ultima hospedagem.

O sr. Castilho que todos esperavam que recitasse uma oração, por isso que se collocou em uma posição em que indicava ter desejos de fallar, declarou que não estava preparado!

Os srs. Rebelo da Silva, Mendes Leal, recitaram dois bons discursos, e o Gonçalves director do asylo de S. João e eu derramamos algumas lagrimas.

Assim se consumiu aquelle grande facto! Estavam mais de oito mil pessoas aonde se via tudo que é nobre, e que é liberal, menos os duques de Saldanha e Loulé.

El-Rei mandou representar-se pelo seu ajudante de ordens, Carlos Possolo de Sousa. É o senhor D. Fernando pelo seu ajudante de semana.

José Estevão fazia 53 annos no dia 26 de dezembro proximo.

As extraordinarias apprehensões de morte, que trazia ultimamente, levaram-n'o a fazer jurar a sua esposa, que, quaesquer que fossem as circumstancias, se conformaria a pedir esmola aos seus amigos antes de pedir ou de aceitar para ella ou para seu filho qualquer mercê dos governos.

A sr. D. Rita confirmou as disposições que José Estevão me communicára em vida; faz-me a honra de me encarregar de colligir todos os discursos de seu marido, devendo metade do producto da obra ser repartido pelo asylo de Aveiro e de S. João, como era vontade do grande orador.

Conto poder começar brevemente este trabalho.

Adeus. Freitas Oliveira.

ANNUNCIOS

O PROVIR DAS FAMILIAS

76.000 socios

COMPANHIA MUTUA DE SEGUROS DE SUPERVIVENCIA

Para formar dotes, ou outras provisões sendo garantida sua administração pelo capital de 1.500 contos

Esta acreditadissima Companhia segue seu caminho de prosperidade; e são prevenidas as pessoas que nella desejarem interessar-se, que ainda podem entrar, de modo que venham a fruir todas as vantagens, dos que se associaram em janeiro deste anno, que fica logo vencido.

Para mais detalhes podem dirigir-se a Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, correspondente da Companhia em Aveiro, ou ao sub-director geral no Porto.

Tambem toma seguros contra incendios para a Companhia União, assim como maritimos.

OBRAS PUBLICAS

Pretende-se dar de empreitada a construcção dos muros de vedação no lanço d'estrada de Salreu a Estarreja, e na extensão de 255 metros. Aceitam-se propostas desde já até o dia 10 do corrente na casa da

seccão em Estarreja, onde se dão todos os esclarecimentos relativos áquella construcção.

F. Rezende Junior.
Eugenheiro chefe da seccão.

Pela repartição de fazenda do districto d'Aveiro se faz publico, que os possuidores de titulos de vida fundada com assentamento, devem apresentar na mesma repartição desde o dia 15 até 30 do presente mez, as relações em que descrevam os numeros dos seus respectivos titulos, para serem legalizadas na Junta do Credito Publico, a fim de se effectuar o pagamento dos juros em divida no actual semestre, na conformidade das instrucções da mesma Junta de 8 de outubro do 1857.

— Na mesma repartição se fornecem os impressos necessarios para as relações de que se tracta.

Aveiro 10 de novembro de 1862.

O delegado do thesouro.

Vicente Augusto d'Araujo Camisào.

João Antonio de Sousa, tendo sido nomeado presidente do conselho d'administração de marinha no Arsenal do Exercito, e deixando inexpressamente o seu logar de capitão do porto d'Aveiro, despede-se por este meio de todas as pessoas d'esta cidade de quem recebeu os favores da sua amizade, e a todos offerece os seus limitados servicos na capital; esperando ser desculpado visto que não contando demorar-se em Lisboa senão poucos dias, de ninguem se despediu pessoalmente.

Igualmente pede por este annuncio áquelles individuos a quem por inadvertencia ficasse devendo alguma quantia, se sirvam dirigir até ao dia 10 de novembro proximo ao seu amigo o illm.^o sr. Agostinho Pinheiro, que se acha autorisado para os solver sendo os creditos devidamente legalizados.

Lisboa 30 de setembro de 1862.

João Antonio de Sousa.

José Antunes d'Azevedo tem á venda um bom surtimento de pannos castores de variados gostos, calças de casimira e colletes, tudo da ultima moda, e por preços commodos.

A folhinha ecclesiastica propria do bispo do pado d'Aveiro, acha-se á venda nesta cidade na loja de Bento d'Amorim, na Praça, — em Avellãs de Caminha na residencia do rd.^o parcho, — no Pinheiro da Bemposta, em caza de J. T. Marques, — preço 140 réis.



José Ferreira da Cunha, e seus filhos, desta cidade, annunciam a venda da sua quinta sita nas — leirinhas d'Arada, que parte do sul com Caetano José Ferreira do Amaral, a qual se compõe de casas baixas, adega, lagar, terra lavrada, arvores fructiferas, pomar, fonte de boa agua etc.

Pela repartição de fazenda do districto d'Aveiro, se faz publico que no dia 16 do corrente na caza da mesma repartição se procederá á venda d'uma porção de papel d'impressos antigos inutilizados.

Igualmente se faz publico que no mesmo dia 16 pela mesma hora, se ha de arrematar, a quem por menos o fizer, a factura d'estantes e balcão para a caza da thesouraria, e doutros objectos, tudo de madeira de pinho. Quem pertender dirija-se á mesma caza, e poderá ver o que ha a fazer.



MOVIMENTO

DA BARRA

Aveiro 7 de setembro

Entradas

LISBOA — Hiate port. «Liberdade» m. V. Antunes, 5 pes. de trip., objectos para o caminho de ferro.

IDEM — Hiate port. «Senhora da Conceição», m. J. S. Tabella, 7 pes. de trip., trigo e milho á sr.^a Viuva Barbosa & Filhos.

IDEM — Escuna franceza «Maria Clemence» cap. J. Azibert, 7 pes. de trip lastro.

IDEM — Escuna franceza «La Thuter», cap. P. Gauberó 6 pes. de trip., lastro.

RESPONSÁVEL: — M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.